

Padrões discursivos na dialética entre os livros de defesa dos EUA e da China

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v51i3.3292>

Rafaela Araújo Jordão Rigaud Peixoto¹

Karina Coelho Pires²

Resumo

Novas facetas de multilateralismo têm motivado realinhamentos de relações de poder tradicionais, estabelecidas globalmente, especialmente em contextos envolvendo os Estados Unidos e a China. Esse novo ambiente estratégico em potencial é evidenciado não apenas pelas mudanças realizadas na versão de 2020 do Livro Branco de Defesa Nacional (LDBN) do Brasil, mas também na dialética entre os Livros de Defesa dos Estados Unidos (2017) e da China (2019), que parecem apontar diferentes estratégias para ações de cooperação global. Para investigar esses realinhamentos e seus possíveis impactos no setor de defesa brasileiro, a análise foi realizada em duas fases: (1) apreciação de características gerais dos Livros de Defesa dos EUA e da China; e (2) comparação de discursos expressos nos capítulos sobre cooperação internacional em cada Livro de Defesa. Os padrões discursivos investigados, consoante os arcabouços metodológicos de semântica lexical (L'HOMME, 2020; PEIXOTO; PIMENTEL, 2020) e de análise crítica do discurso (FAIRCLOUGH, 2003), sugerem que elementos de campos semânticos, de intertextualidade e de modalidade presentes no discurso servem como parâmetros que poderiam contribuir para a apreciação de ações de cooperação e de dissuasão a serem adotadas pelos EUA e pela China no século XXI.

Palavras-chave: identidade; estudos de defesa; linguística de corpus; semântica lexical.

1 Departamento de Controle do Espaço Aéreo (DECEA), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; rafaela.peixoto@gmail.com; <http://orcid.org/0000-0002-3504-8405>

2 Universidade da Força Aérea (UNIFA), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; karinacoelhopires@gmail.com; <http://orcid.org/0000-0002-1445-4885>

Discursive patterns in the dialectic between White Papers by the US and by China under Lexical Semantics and Critical Discourse Analysis

Abstract

There have been new facets of multilateralism, which have motivated the realignment of traditional power relations established globally, especially regarding the United States and China. This potential new strategic environment is evidenced not only in changes made to the 2020 Brazilian White Paper on National Defense (LBDN), but also in the dialectic between White Papers by the United States (2017) and China (2019), which seem to point to different strategies in terms of actions of global cooperation. In order to investigate those realignments and their possible impacts on the Brazilian defense sector, the analysis was carried out in two phases: (1) analysis of general characteristics of Defense White Papers by the US and by China; and (2) comparison of discourses conveyed in chapters on international cooperation in each Defense White Paper. Discourse patterns were analyzed according to methodological rationales of Lexical Semantics (L'HOMME, 2020; PEIXOTO; PIMENTEL, 2020) and Critical Discourse Analysis (FAIRCLOUGH, 2003) suggest that elements of semantic fields, intertextuality, and modality in discourse serve as parameters that could contribute to the assessment of cooperation and deterrence actions to be adopted by the US and by China in the 21st century.

Keywords: identity; defense studies; corpus linguistics; lexical semantics.

Introdução

A perspectiva de cooperação entre os países vem passando por realinhamentos nas últimas décadas, particularmente em relação à atuação das nações hegemônicas Estados Unidos e China, e às expectativas estratégicas para o continente asiático. Dada a grande influência econômica e política desses países, faz-se importante compreender suas ações em termos de defesa e de cooperação internacional, como forma de permitir ao Brasil antecipar possíveis estratégias para lidar com novos contextos multilaterais.

Nesse sentido, este trabalho pretendeu analisar os padrões discursivos na dialética entre os livros de defesa dos EUA (2017) e da China (2019), a fim de compreender distinções em relação a estratégias de atuação e de cooperação global. Mais precisamente, a investigação compreendeu a apreciação de características gerais dos Livros de Defesa dos EUA e da China, e a comparação de discursos expressos nos capítulos sobre cooperação internacional em cada Livro de Defesa.

Para tanto, fazendo uso de aportes da Semântica Lexical (L'HOMME, 2020; PEIXOTO; PIMENTEL, 2020) e da Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 2003), este trabalho foi desenvolvido da seguinte forma: apresentação da perspectiva de cooperação e dissuasão internacional nos livros de defesa; discussão da perspectiva dialética na Análise do Discurso; descrição de procedimentos metodológicos realizados; descrição e interpretação de padrões discursivos dos Livros de Defesa dos EUA e da China; indicação de alinhamentos identitários e hegemônicos em relação às políticas de defesa; e considerações finais.

A perspectiva de cooperação e dissuasão internacional nos livros de defesa

Analisar o cenário de influências exercidas e sofridas por países em um mundo globalizado não é tarefa fácil. No campo das Relações Internacionais, alguns teóricos abordam os fenômenos com base em uma perspectiva estadunidense ou eurocêntrica; no entanto, mais recentemente, emergiram estudos que podem ser caracterizados como uma Escola Chinesa de Relações Internacionais (Cf. CUNHA *et al.*, 2018).

Nesse sentido, o presente artigo almeja contribuir para uma compreensão sobre a busca pela posição de poder dos EUA e da China no quadro do sistema internacional no século XXI, levando em consideração a ascensão chinesa e o declínio estadunidense nesse século, e como essa nova configuração de poder pode afetar a ordem mundial. Mais do que rivalidades ideológicas ou geopolíticas, o cerne do nosso estudo é a posição político-econômica desses países na estrutura de poder mundial. Ao passo que os EUA parecem tentar controlar o fortalecimento econômico chinês, a China demonstra oposição ao hegemonismo e à política de poder, declarando seu poder militar e seu desenvolvimento como um lastro para o desenvolvimento pacífico.

Nesse panorama, Nogueira (2019) argumenta a existência de uma liderança econômica chinesa e de uma supremacia militar norte-americana, não havendo assim apenas um Estado hegemônico, mas, sim, dois Estados que concentrariam grande parte do poder internacional.

Assim, faz-se necessário compreender algumas formas de cooperação na interação entre Estados e perceber algumas variáveis no processo de tomada de decisão por esses, tais como o poder e sua distribuição, nos acordos de cooperação e o conseqüente incremento de sua vinculação a variáveis externas. Por essa razão, serão apresentadas, a seguir, algumas visões de cooperação e dissuasão nas relações internacionais dos EUA e da China, a começar pelo Mar do Sul da China, importante foco de disputa atual devido à presença de petróleo e de gás natural, e à posição comercial estratégica.

Em função da relevância militar e comercial do Mar do Sul da China, Aguilar e Fakhoury (2019) afirmam que as disputas em seu entorno envolvem atores como países que reivindicam territórios nesse domínio, EUA, China e organizações internacionais e regionais, como a Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN). Nesse contexto, os países envolvidos no conflito firmaram acordos, a fim de aumentar seu poder militar em relação à China e/ou dissuadir uma postura mais agressiva chinesa.

Os autores supracitados destacam a postura de alguns países: (i) a Índia possui como estratégia de médio e longo prazo tornar sua base industrial de defesa autossuficiente; (ii) o Japão delineou, em seu Plano de Defesa (2013), a aquisição de novos materiais bélicos (*destroyers*, submarinos, veículos aéreos não tripulados, aviões de caça e novos helicópteros) até 2019; e (iii) a Austrália publicou em seu documento de defesa, em 2009, também a modernização e o fortalecimento das suas forças navais (defesa aérea, ataques estratégicos, forças especiais, inteligência, força de guerra ultramarina e antissubmarino).

Tendo em vista essa imbricada rede de relações, qualquer ameaça ao Mar do Sul da China é compreendida como uma ameaça potencial à segurança e aos interesses dos países envolvidos na disputa. Essa dinâmica entre os países incentiva movimentos dos EUA e da China, com políticas de dissuasão na região, em contraposição ao esforço dos países envolvidos para estabelecer parcerias estratégicas em defesa.

Em outras frentes, particularmente em relação ao tema ciberespaço, a China estabeleceu uma política de cooperação espacial (CEPIK, 2011), visando ao aumento da influência internacional de Beijing sem gerar reações exageradas das outras grandes potências, adiando uma eventual militarização do espaço e procurando construir parcerias com potências regionais ainda incipientes em empreitadas espaciais, como no caso da América Latina (CUNHA *et al.*, 2018). Já os EUA buscaram liderança no campo cibernético por meio de parcerias multilaterais, ao mesmo tempo em que lançaram operações de espionagem cibernética contra seus parceiros, que contrapuseram a retórica multilateral e uma atuação unilateral e agressiva (Cf. MAIER, 2018).

Em face dessas considerações, destacamos que é essencial registrar que a categorização rígida de atores favoráveis ou contrários a um dado país é insuficiente para a compreensão da realidade em relação à cooperação e à dissuasão. Como aborda Pontes (2020), algumas instituições denominadas *think tanks*, particularmente nos Estados Unidos, trabalham no sentido de incentivar as relações sino-americanas em alguns assuntos, embora sustentem posições distintas em outros pontos (PONTES, 2020). No Brasil, o *think thank* Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI) também atua no sentido de fomentar a discussão sobre a interdependência global e desmistificar posicionamentos tendenciosos, uma vez que a China, como é reconhecido nos EUA, também figura como um importante parceiro para a manutenção da grande estratégia estadunidense.

A perspectiva dialética na Análise do Discurso

O ser humano é um ser de linguagem, constituindo-se nas e pelas relações sociais intersubjetivas. Em outras palavras, o diálogo ocorre mediante um processo de alteridade e, como tal, só é possível conceber um sujeito de forma social, histórica e ideologicamente situada. A identidade construída nessa dinâmica de alteridade se dá tendo o outro como medida: eu sou eu na medida em que interajo com o outro e esse outro dá a medida do que eu sou. Isto posto, trazemos à discussão algumas ideias sobre o modo de pensar e agir dialógico, segundo três principais autores: Freire (1970), Habermas (1987) e Bakhtin (1992) (Cf. OLIVEIRA, 2006).

Ao partir da perspectiva desses três autores, destacados por Oliveira (2006) como relevantes para a teoria dialógica, são discutidas dinâmicas de assimetrias na relação intersubjetiva entre dois ou mais indivíduos. Segundo a autora, para Freire (1970), o diálogo seria a essência de uma educação emancipatória, segundo a qual o aluno assumiria uma condição de agente, correspondente à proposta de “Educação como prática de liberdade”. Nesse sentido, o diálogo surge como um dispositivo pedagógico, uma concepção de linguagem como prática discursiva: seria um dinâmica de ação e reflexão, não se esgotando na relação entre um *eu* e um *tu*, ou em uma conversa corriqueira. Trata-se de uma perspectiva de diálogo como um direito de falar, como humanos na busca de tornarem-se sujeitos de seu dizer, sem ter uma verdade como única, e é precisamente essa característica, operada no modo dialógico, que proporciona uma educação emancipatória.

Em relação a Habermas (1987), Oliveira (2006) explica que a esfera pública é a arena das relações discursivas. Habermas aponta um agir comunicativo, fazendo uso de estratégias discursivas argumentativas para atingir um consenso entre interlocutores, podendo, dessa maneira, evitar problemas e relações de dominação. O agir comunicativo pressupõe sujeitos que articulam os mundos subjetivo, objetivo e social, sendo possível recuperar pelo e no discurso, a razão perdida. Esse fazer exige uma constante revisão de seus agentes e do próprio agir comunicativo, favorecendo uma ação baseada na relação comunicativa dialógica entre sujeitos.

A obra de Bakhtin (1992), por sua vez, como aponta Oliveira (2006), apresenta desde os anos 20 do século passado a discussão sobre o diálogo como modo de ação. Para Bakhtin e os autores de seu círculo, o diálogo é um processo intrinsecamente relacionado à vida, pois durante toda sua vida o homem fala, ouve, concorda, discorda, pergunta e responde. Assim, a entrada da vida na língua processa-se por meio de relações sociais, nos moldes sociais da época, dos contextos mediatos e imediatos, nos quais se travam relações dialógicas na esfera pública e privada. Em outras palavras, o mundo social no qual o ser humano cresce e vive possui enunciados que ditam, servem de norma, mas também outros que transgridem, que rompem com essa norma. O dialogismo em Bakhtin

constitui-se no discurso, pois remete às relações entre sujeitos, as quais estão sempre atravessadas por relações de poder, muitas vezes assimétricas. Em outras palavras, o percurso para a construção do conceito de “outro” está inteiramente ligado à elaboração das diversas matizes que vão constituindo seu conceito de linguagem, totalmente ancorado na dimensão dialógica.

Ao comparar essas três perspectivas dialógicas, observamos um conceito amplo de diálogo compreendido como uma relação intersubjetiva que instaura sujeitos, num processo que é rompido quando o direito de dizer é negado. Quando isso acontece, estabelecem-se relações de poder assimétricas, que possibilitam o surgimento do pensamento monológico.

Particularmente em relação ao pensamento de Bakhtin, destaca-se que o conceito de diálogo apenas pode ser pensado em sua relação intrínseca com a linguagem, e a ideia de que o “acabamento do eu” vem de fora, é o outro que nos completa, que pode ver o que não vemos. No entanto, o lugar de onde vejo o outro e de onde ele me vê não é fixo, e também não é qualquer lugar: é sempre um lugar social, que traz significação própria.

Em alinhamento com Bakhtin, esta pesquisa adota a perspectiva de que uma consciência individual se constrói na interação e o mundo da cultura precede a consciência individual, uma vez que essa consciência individual é constituída dialogicamente e se manifesta produzindo texto no contexto da dinâmica histórica da comunicação. Essa sistemática, como afirma Faraco (2001), desenvolve-se num duplo movimento: como réplica ao já-dito e também sob o condicionamento da réplica ainda não dita, mas já solicitada e prevista.

Assim, a compreensão não é uma mera experiencição psicológica da ação dos outros, mas uma atividade dialógica que, diante de um texto, gera outro(s) texto(s). Compreender não é um ato passivo, mas uma réplica ativa, uma resposta, uma tomada de posição diante do texto; trata-se da expressão de um sujeito ou, em um escopo mais amplo, da própria expressão de uma nação.

Metodologia

A investigação de padrões discursivos na dialética entre os livros de defesa dos EUA (2017) e da China (2019), com o fito de compreender distinções em relação a estratégias de atuação e de cooperação global, foi desenvolvida em duas fases: (1) apreciação de características gerais dos Livros de Defesa dos EUA e da China, com base em análise de *corpus*; e (2) comparação de discursos expressos nos capítulos sobre cooperação internacional em cada Livro de Defesa, mediante análise semântica lexical e análise crítica do discurso.

Destaca-se que os livros estudados foram originalmente escritos em língua inglesa, portanto as palavras e os trechos destacados, quando citados de forma direta, foram transcritos em inglês e traduzidos para o português da seguinte forma: “*texto em inglês*” | “*texto em português*”. Quando a ideia é retomada de forma indireta, ou a mesma palavra (ou trecho) é citada novamente, o texto é apresentado em português apenas, a fim de permitir maior fluidez na leitura.

Para a primeira etapa, foram analisadas as palavras mais recorrentes no discurso contido nos livros de defesa, a fim de compreender o contexto mais amplo em que as estratégias de defesa foram estruturadas. Na segunda etapa, os padrões discursivos foram estudados, conforme discurso apresentado nos capítulos sobre cooperação internacional (no livro de defesa da China, o capítulo VI “*Actively Contributing to Building a Community with a Shared Future for Mankind*” | “Contribuição ativa para a construção de uma comunidade com futuro compartilhado para a Humanidade”; e, no livro de defesa dos Estados Unidos, o Pilar IV “*Advance American Influence*” | “Ampliar a influência americana”) e na seção de considerações finais de ambos os documentos.

As correlações de sentido associadas aos principais termos foram analisadas conforme etiquetas semânticas criadas, e os significados acionais foram apreendidos dos excertos mais relevantes dos dois livros, isto é, que estão mais diretamente relacionados à temática de relação com o ambiente estratégico de defesa.

Em relação às etiquetas semânticas, elas foram idealizadas conforme os sentidos associados ao termo principal, e perfazem 25 nomenclaturas³: (01) atividade; (02) aplicação [de um recurso]; (03) recurso potencial; (04) associação; (05) característica; (06) característica / associação; (07) característica / tipo; (08) circunstância; (09) localidade; (10) localidade / referência; (11) gerenciamento; (12) princípio; (13) propósito; (14) referência; (15) termo relacionado (TR); (16) TR / atividade; (17) TR / recurso potencial; (18) TR / associação; (19) TR / circunstância; (20) TR / princípio; (21) escopo; (22) escopo / normativa; (23) tipo; (24) tipo / propósito; e (25) fator de variação. Quanto aos sentidos associados, circunstância (08), refere-se, por exemplo, a uma circunstância física ou contextual para ou durante uma dada situação: ‘~ *stagnation*’ | ‘estagnação ~’.

Destaca-se que a metodologia adotada neste trabalho replicou os procedimentos adotados pelas autoras para análise de livros de defesa do Brasil (PEIXOTO; PIRES, 2021), fato que, somado à extensão mais sucinta deste artigo, motivou uma discussão mais breve dos pressupostos teóricos utilizados, de forma conjunta com as análises empreendidas.

3 As etiquetas semânticas foram detalhadas em um outro artigo, com conteúdo expandido, das autoras (no prelo).

Padrões discursivos dos livros de defesa

Os livros de defesa de um Estado geralmente constituem uma proposta de exposição de políticas de defesa, de forma a motivar cooperação e/ou dissuasão de ações de outros países. No campo das Relações Internacionais, trata-se de um procedimento bastante relevante, que, no Brasil, vem sendo adotado com regularidade desde 2008, conforme a Lei Complementar nº 136 (BRASIL, 2010), que prevê a revisão de documentos de defesa a cada quatro anos, pelo Congresso Nacional.

Neste sentido, dada a relevância desses documentos, este artigo fundamentou suas análises no perfil geral dos livros de defesa dos EUA e da China e, em seguida, nos padrões discursivos observados nos capítulos sobre cooperação internacional, a fim de situar as estratégias defendidas em cada documento. Quanto a esses padrões discursivos, também foram considerados os sentidos acionais, a intertextualidade e a modalidade, conforme conceitos da Análise Crítica do Discurso.

Características gerais

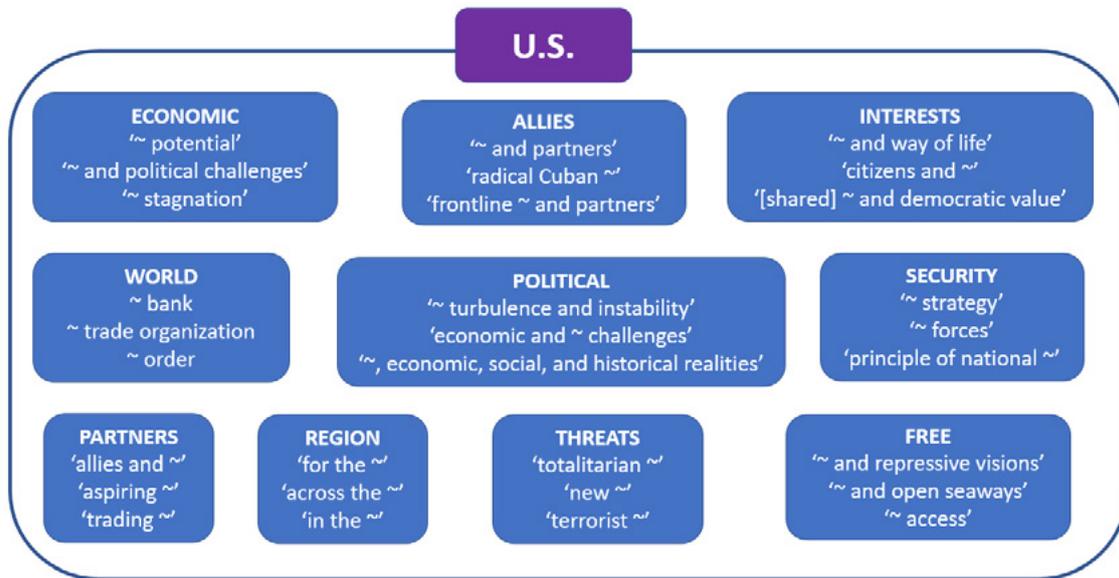
Como um retrato geral dos livros de defesa, foram observadas as seguintes palavras mais recorrentes⁴: (1S) *states* | estados; (2S) *security* | segurança; (3S) *economic* | econômico; (4S) *partners* | parceiros; (5S) *world* | mundo; (6S) *allies* | aliados; (7S) *military* | militar; (8S) *interests* | interesses; (9S) *threats* | ameaças; e (10S) *free* | livre; e (1C) *military* | militar; (2C) *defense* | defesa; (3C) *security* | segurança; (4C) *forces* | forças; (5C) *strategic* | estratégico; (6C) *armed* | armados; (7C) *international* | internacional; (8C) *development* | desenvolvimento; (9C) *countries* | países; e (10C) *joint* | conjunto.

A seleção desses termos foi realizada conforme análise do *corpus* (livros de defesa completos dos Estados Unidos e da China), por meio do programa concordanceador AntConc (ANTHONY, 2018), que filtra as ocorrências de palavras gramaticais e lexicais.

Após a definição desses termos, foram analisados, em cada capítulo de cada livro de defesa, conforme citado na seção de Metodologia, os colocados mais relevantes associados a cada um dos termos. Essa triagem também foi realizada no AntConc, por meio da seleção de colocados até cinco posições à esquerda e à direita. Entre os colocados listados, foram selecionados, manualmente, os que efetivamente estavam relacionados ao termo principal pesquisado. Uma amostra desses colocados (denominados 'combinatórias' na teoria da semântica lexical) mais representativa é apresentada nas figuras a seguir:

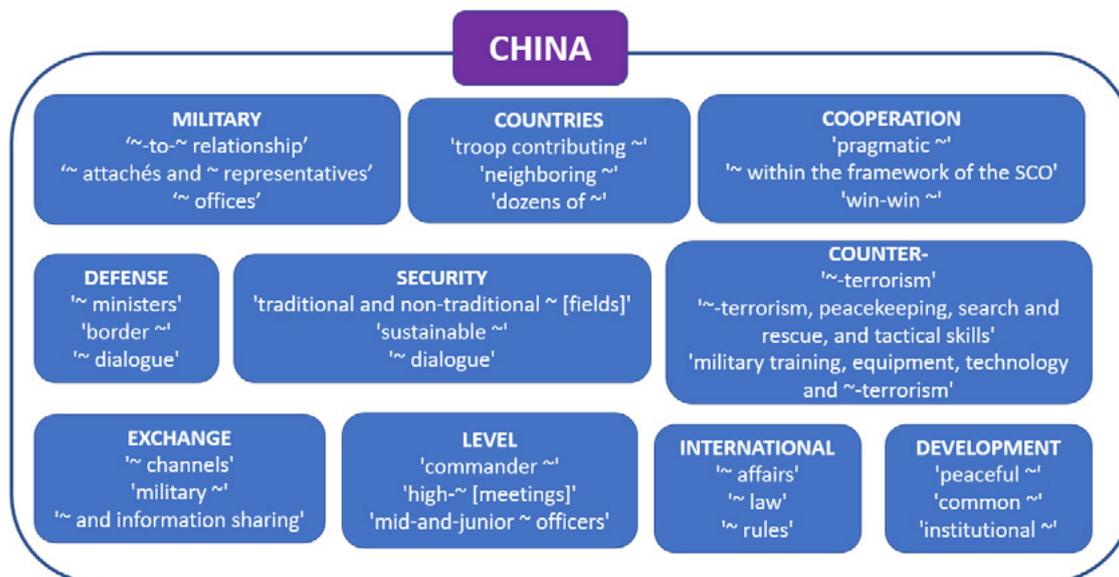
4 Os termos analisados foram descritos aqui conforme o padrão número-País: 1S e 1C referem-se ao primeiro termo mais recorrente nos livros de defesa dos Estados Unidos (S) e da China (C), respectivamente. Destaca-se que, para a lista de termos selecionados, foram descartados aqueles que não possuíam significado contextual relevante, como '*states*' no livro estadunidense, e '*China*' no livro chinês.

Figura 1. Perfil semântico lexical das combinatórias do Livro de Defesa dos EUA



Fonte: Elaboração própria

Figura 2. Perfil semântico lexical das combinatórias do Livro de Defesa da China



Fonte: Elaboração própria

Tais colocados foram categorizados conforme as etiquetas semânticas mencionadas na seção de Metodologia. A análise dos padrões discursivos derivados do sentido léxico-semântico construído, com base nos campos semânticos elencados, assim como os padrões associados à Análise Crítica do Discurso, serão abordados no próximo subtópico.

Padrões discursivos do livro de defesa dos EUA e da China

Em relação ao livro de defesa dos EUA, conforme disposto na Figura 1, observou-se que as palavras destacadas no documento estadunidense são mais relacionadas a um propósito político, por meio de menção a princípios que devem ser seguidos pela Humanidade, como no caso de *'citizens and ~'* e *'principle of national ~'*. Dessa forma, possíveis atitudes negativas, tais como ameaças, também são contrastadas com essa perspectiva, como no caso de *'terrorist ~'*. De forma geral, predomina a ideia de que é necessária uma abordagem coletiva das necessidades do mundo, como assumido pelas políticas americanas, incluindo políticas de defesa.

Em termos de padrões discursivos mais específicos, observou-se um uso mais marcado do termo *'influence'* no título do Pilar IV, para marcar uma dita "influência" exercida pelos EUA, e a necessidade de sua ampliação. No título do capítulo, o uso da modalidade objetiva, em que a base subjetiva do julgamento se apresenta implícita no texto (Cf. FAIRCLOUGH, 2003), permite que perspectivas parciais (discursos particulares) sejam universalizadas, de forma a gerar um efeito de universalização da perspectiva (discurso) defendida no texto: a "influência" dos EUA no cenário mundial. Além disso, é refletido o compromisso para ampliar essa influência.

Esse alinhamento é corroborado pela avaliação positiva dos EUA em seu livro de defesa: *"We lead by example"* | "Lideramos pelo exemplo". Implicitamente, essa presunção valorativa aponta para uma oposição a liderar pela força, ou seja, a opção dos EUA é liderar pelo exemplo. No entanto, em outro trecho do livro, é reafirmado que alianças foram formadas com países que, juntos, perfazem mais da metade do PIB mundial: *"Together, the United States and our allies and partners represent well over half of the global GDP. None of our adversaries have comparable coalitions."* | "Juntos, os Estados Unidos e nossos aliados e parceiros representamos bem mais do que metade do PIB global. Nenhum de nossos adversários tem coalizões equiparadas."

No tópico denominado *"Encourage Aspiring Partners"* | "Encorajar Aspirantes a Parceiros", há avaliação positiva da atuação dos EUA em relação aos parceiros, ao classificá-la como *"unprecedented and Exceptional"* | "sem precedentes e excepcional", particularmente mencionando regiões e países beneficiados com as coalizões americanas: *"Western, Central and Eastern Europe; and South Korea and Japan"* | "Europa Ocidental, Central e Oriental; e Coreia do Sul e Japão.". Essas coalizões são enfatizadas no discurso do Livro Branco dos EUA, que apresentam desafios contemporâneos dessas parcerias.

Observa-se um discurso sobre competição por coalizões positivas no cenário mundial, contrapondo supostos interesses estatais da Rússia e da China, a declarados interesses de livre mercado dos EUA. A modalidade deôntica, expressa em *"must compete for Positive relationships around the world"* | "deve competir por relações positivas ao redor

do mundo”, revela o alto grau de comprometimento com a obrigatoriedade em competir no cenário mundial em busca de espaços que estão sendo disputados por China e Rússia. Em oposição, os EUA são avaliados de forma positiva ao estabelecer coalizões para estabelecer relações duradouras e garantir interesses políticos e de segurança para todas as partes.

Em relação à identidade, é preciso lembrar que os significados produzidos pelas representações projetam os sentidos que damos à nossa experiência e àquilo que somos (CASTELLS, 2018). Assim, a representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas, garantindo a influência da cultura hegemônica. No texto do Livro Branco dos EUA e nos apontamentos advindos da análise discursiva, verificamos a tentativa norte-americana de afirmar a primazia de uma identidade, com o objetivo de garantir sua hegemonia frente ao crescente contexto do mundo globalizado e de uma governança compartilhada.

Com base nas análises empreendidas, são destacadas as seguintes características da construção discursiva presentes no livro de defesa americano: (01) Os EUA afirmam possuírem grande influência no cenário mundial; (02) Os EUA almejam ampliar sua influência no cenário mundial; (03) Os EUA são um Estado Democrático de Direito; (04) Os inimigos de hoje são líderes repressivos e organizações multilaterais corruptas; (05) Os EUA lideram pelo exemplo; (06) Os principais aliados dos EUA são: Europa Ocidental, Europa Central e Oriental, Coreia do Sul e Japão; (07) Os EUA disputam com a China e a Rússia por coalizões positivas no cenário mundial; (08) China e Rússia dedicam seus esforços para enfraquecer os EUA; (09) Os EUA tornam fortes seus aliados, seus concorrentes tornam seus aliados dependentes; (10) Os EUA possuem em abordagem sustentável e responsável diante de seus parceiros, Estados autoritários exercem negócios corruptos, opacos, exploradores e de baixa qualidade; e (11) As regiões propensas a serem exploradas na empreitada de ampliar o mercado dos EUA são África, América Latina e Ásia.

Quanto ao livro de defesa da China, conforme disposto na Figura 2, destacou-se uma perspectiva mais governamental, com referência mais específica a escopos semânticos militares, assim como representações conceituais hierárquicas, relativas ao termo '*level*', como na ocorrência '*mid-and-junior ~ officers*'.

Assim como no Livro Branco dos EUA, o da China faz muitas referências a questões de interesse comum a muitas nações do mundo, tais como lutar contra o terrorismo e contribuir para as operações de paz. Contudo, o livro da China enfatiza decisões que devem ser debatidas conjuntamente com instituições internacionais e organizações não-governamentais. Ao se referir ao termo '*cooperation*', ocorrências como '*~ within the*

*framework of the SCO*⁵ e 'win-win ~' pressupõem certa contestação em relação a práticas unilaterais que estariam majoritariamente a favor de países e blocos hegemônicos. Isso é corroborado por expressões contendo os termos '*international*' e '*development*', que enfatizam alinhamento com princípios de governança global ou governança compartilhada, como denomina Castells (2018).

No capítulo sobre cooperação internacional, o livro de defesa chinês indica que "*Building a community with a shared future for mankind conforms to the trends of the times for peaceful development, and reflects the common aspirations of all peoples throughout the world*" | "Construir uma comunidade com futuro compartilhado com a Humanidade alinha-se à tendência de tempos em prol do desenvolvimento pacífico, e reflete aspirações comuns a todos os povos ao redor do mundo", apontando duas modalidades categóricas e objetivas, quando afirma que o "futuro compartilhado" é uma tendência de tempos de desenvolvimento pacífico, que reflete as aspirações comuns de todos os povos do mundo. Essa perspectiva é ratificada ao modalizar o verbo responder ("*responded faithfully*" | "atenderam fielmente") e ao modalizar o verbo cumprir ("*actively fulfilling*" | "cumprindo ativamente") no trecho "*China's armed forces have responded faithfully to the call for a community with a shared future for mankind. They are actively fulfilling the international obligations of the armed forces of a major country...*" | "As Forças Armadas da China atenderam fielmente ao chamado da comunidade para um futuro compartilhado para a humanidade. Elas estão cumprindo ativamente as obrigações internacionais das Forças Armadas de um grande país. [...]".

Ao tratar da atuação da China no âmbito internacional, é enumerada uma série de avaliações positivas na conduta da China em relação à ONU, com uso de modalização por meio de advérbios, revelando alto comprometimento: "*unswervingly endorses*" | "endossa inequivocadamente", "*firmly maintains*" | "mantém firmemente" e "*participates extensively*" | "participa extensivamente". Além disso, é enfatizada a avaliação positiva em relação ao seu esforço em participar de diálogos sobre questões importantes, oferecendo propostas chinesas; e há avaliação positiva sobre a atuação chinesa quanto ao ciberespaço e ao espaço sideral, como forma de tentar propor regras internacionais que sejam favoráveis a todas as partes.

No discurso do Livro Branco da China, o posicionamento em relação aos EUA é avaliado positivamente, com base em postura não-conflituosa, de não-confronto; e mediante ações de coordenação, cooperação e estabilidade com EUA. Ademais, há avaliação positiva da relação da China com os países vizinhos, especificamente com aqueles que compõem o bloco ASEAN, além da relação chinesa com os países da Europa, África, América Latina, Caribe e Pacífico Sul.

5 SCO é a sigla para 'Shanghai Cooperation Organization'.

Conforme as análises empreendidas, são destacadas as seguintes características da construção discursiva presente no livro de defesa chinês: (01) Cooperação com a governança compartilhada; (02) Alto grau de comprometimento com o futuro compartilhado da humanidade; (03) Alto grau de comprometimento com a ONU; (04) Avaliação negativa da hegemonia, do unilateralismo e de uma postura de conveniência; (05) Cooperação militar com diversas regiões no mundo; (06) Transparência quanto ao poder militar; (07) Participação positiva em organizações internacionais; (08) Resolução pacífica de disputas no mar do sul da China; e (09) Alto grau de comprometimento com a realização do Sonho Chinês.

Padrões de alinhamentos identitários e hegemônicos

Conforme defendido pela Análise Crítica do Discurso (ACD), o embate discursivo entre identidades ocorre consoante uma luta hegemônica sobre modos de identificação, que pressupõe uma dialética de estabilização e desestabilização de construções identitárias. Nessa esteira, o conceito de Hegemonia pode ser caracterizado como um poder exercido por um grupo econômica, política, cultural e ideologicamente dominante em uma dada sociedade (Cf. FAIRCLOUGH, 2003).

Dessa forma, entende-se que discursos são inculcados em identidades, uma vez que a identificação pressupõe a representação, em termos de presunções, acerca do que se é. Do ponto de vista dos Estudos Culturais, identidade é “fonte de significado e experiência de um povo” (CASTELLS, 2018, p. 54); logo, é necessário analisar como a linguagem funciona em um cenário político, econômico e social contemporâneo.

Pode-se compreender a linguagem como uma cadeia de negações, de diferenças e de afirmações, cujos contrastes entre identidade e diferença são mutuamente determinados (SILVA, 2014), e dependem da percepção de si e do outro, e da exclusão do outro (WOODWARD, 2014). Tais construções simbólicas são atos de criação linguística e perpassam relações de poder evidenciadas no discurso, como se apresentam nos livros de defesa dos EUA e da China. Nesse sentido, Said (1990) já apontava como a identidade ocidental foi construída de forma mais destacada, em contraste com a identidade oriental, que era apresentada como de segunda-classe.

Considerações finais

O processo dialético construído entre os discursos apresentados nos capítulos selecionados do Livro Branco de Defesa dos EUA e do Livro Branco de Defesa da China permitiu identificar padrões mediante a contraposição de conceitos basilares. Por exemplo, as referências a “*American dream*” | “sonho americano” e a “*Chinese dream*” | “sonho chinês” claramente contrastam discursos pretendidos por essas nações.

Por um lado, o “sonho americano” pressupõe a perspectiva bastante assentada de que os EUA seriam a “*land of opportunity*” | “terra das oportunidades”, um país que favorece a prosperidade de qualquer pessoa disposta a trabalhar, máxima bastante valorizada no território estadunidense. Por outro lado, o “sonho chinês” é definido como visando à paz e ao desenvolvimento internacionais, em uma ordem internacional que seria mais justa e razoável, com oferta de garantias, com interdependência e com defesa de interesses comuns, a fim de reduzir os conflitos do mundo.

Essa oposição pode ser considerada mais claramente referenciada no livro chinês, publicado dois anos após o livro americano, na abordagem inicial do documento da China, ao afirmar que “*the world is moving towards building a community with a shared future for humanity, with times of peaceful development, reflecting the common aspirations of all peoples throughout the world*” | “o mundo caminha para a construção de uma comunidade com um futuro compartilhado para a humanidade, com tempos de desenvolvimento pacífico, refletindo as aspirações comuns de todos os povos em todo o mundo”. Nesse sentido, o sonho chinês seria a afirmação de “novos tempos” em oposição aos “velhos tempos” do sonho americano.

O contraste desses conceitos, isto é, sua intertextualidade, permite perceber como a dialética das ideias propostas por ambos os Livros de Defesa está centrada em uma perspectiva de esforços de cooperação em prol do bem comum, consoante o que cada país compreende como “interesses comuns”. Ao final, a definição de “interesse comum” pode ser influenciada por interesses específicos e certamente implica relações de poder (CASTELLS, 2018), assim como também apontado pela perspectiva orientalista (SAID, 1990).

Referências

AGUILAR, S. L. C.; FAKHOURY, R. M. M. As dinâmicas de cooperação militar no mar do sul da China. *Revista da Escola de Guerra Naval*, v. 25, n. 1, p. 197-225, 2019.

ANTHONY, L. AntConc, versão 2018. *Homepage*. Disponível em: <http://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>. Acesso em: 27 nov. 2020.

BAKHTIN, M. O autor e o herói. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRASIL. *Lei Complementar nº 136, de 25 de agosto de 2010*. 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp136.htm. Acesso em: 27 set. 2020.

CASTELLS, M. *O poder da identidade: a era da informação*. v. 2. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

CEPIK, M. A política da cooperação espacial chinesa: contexto estratégico e alcance internacional. *Revista de Sociologia Política*, v. 19, n. supl., p. 81-104, 2011.

CUNHA, G. L. da; CABRAL FILHO, S. B.; QUEIROZ, F. A. de; KOSTIN, S. Uma releitura epistemológica das relações entre China e América Latina a partir do setor de Ciência, Tecnologia e Inovação. *REPATS – Revista de Estudos e Pesquisas Avançadas do Terceiro Setor*, v. 5, n. 2, p. 739-763, 2018.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. Londres: Routledge, 2003.

FARACO, C. A. Bakhtin e os estudos enunciativos no Brasil: algumas perspectivas. In: BRAIT, B. *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*. Campinas: Pontes: São Paulo: Fapesp, 2001.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

HABERMAS, J. *Teoria de la acción comunicativa*. Madrid: Taurus, 1987.

L'HOMME, M.-C. *Lexical Semantics for Terminology: An introduction*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2020.

MAIER, F. De Obama a Trump: o contínuo da política cibernética estadunidense. *Caderno de Relações Internacionais*, v. 9, n. 16, p. 109-138, 2018.

NOGUEIRA, A. Z. G. *O papel de estados hegemônicos na provisão de bens públicos globais: uma abordagem em teoria dos jogos*. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

OLIVEIRA, M. B. F. de. Alteridade e construção de identidades pedagógicas: (Re)visitando teorias dialógicas. In: MAGALHÃES, I.; CORACINI, M. J.; GRIGOLETTO, M. (org.). *Práticas identitárias: língua e discurso*. São Carlos: Claraluz, 2006.

PEIXOTO, R. A. J. R.; PIRES, K. C. Reconfigurações do ambiente estratégico de defesa no século XXI: perspectiva analítica de triangulação por meio de análise de *corpora*, análise semântica lexical e análise crítica do discurso. *Política Hoje*, v. 29, n. 2, p. 110-142, 2020.

PEIXOTO, R. A. J. R.; PIMENTEL, J. M. M. Aeronautical Meteorology in Aeronautical Language and in Aviation Language: a hybrid field? *The ESpecialist*, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 1-24, 2020.

PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA. *China's National Defense in the New Era*. Beijing: Foreign Languages Press, 2019.

PONTES, R. M. *A China na grande estratégia dos Estados Unidos da América: da contenção à histórica política de engajamento*. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2020.

SAID, E. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SILVA, T. T. da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

UNITED STATES OF AMERICA. *National Security Strategy of the United States of America*. Washington D.C., 2017.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.